**Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Dodô Azevedo**

Oi, eu sou Dodô Azevedo, sou carioca e sou um ser humano primitivo porque eu sou cineasta, sou professor, sou músico, sou artista gráfico, sou escritor, sou roteirista, e sou, ainda, muitas coisas que eu não imagino que seja.

A questão do primitivo é que, originalmente, todos nós somos multimídias e multitarefas. A civilização ou a dita civilização, ou a modernidade ou a dita modernidade, é que compartimentalizou os saberes e as nossas potências. Então, antes de qualquer coisa, o que melhor pode me definir é como ser humano primitivo. Quando eu era estudante secundarista e, mesmo, no terceiro grau, durante a Universidade, eu tive muito pouco acesso a livros escritos por pessoas que não fossem homens brancos ocidentais. Claro, que as exceções existem, mas elas apenas confirmam a regra. Em todas as livrarias, tudo o que você vê são escritores brancos, e você pode ver isso pela própria composição da Academia Brasileira de Letras, hoje em dia. Então, eu e todo mundo da minha idade, da minha geração, a gente teve uma educação muito pobre, em termos de diversidade de pontos de vista. Nós só conhecemos a História, por exemplo, contada pelo homem branco ocidental. Pouco sabemos sobre Filosofia e Cultura que não seja Colonial. Isso inclui, claro, tudo sobre Cultura Negra. Embora, nos anos oitenta e noventa, nomes como Angela Davis, Audre Lorde, Lélia Gonzalez, já fossem grandes nomes da Academia, da Literatura e das Artes, eles não eram nomes editados no Brasil. Agora, no século XXI, tudo isso mudou. Você vai até uma vitrine de qualquer livraria e a maioria dos livros hoje são de pessoas que não são homens brancos, e autores como Lélia Gonzalez, Audre Lorde e Angela Davis ganharam sobra, e bell hooks(pseudônimo de Gloria Jean Watkins) e Chimamanda Ngozi Adichie ganharam as vitrines. E, com isso, quem ganha somos nós. Nós, que eu digo, é a humanidade, porque o mundo tem matriz africana. Todos os saberes, todas as religiões, todas as filosofias, sejam as filosofia gregas, sejam as filosofias chinesas, todas elas advêm das filosofias africanas. A chamada matriz africana do mundo. Durante oitenta mil anos, todos os seres humanos que existiam eram negros. Todos viviam no continente africano. Só com as migrações pós-era glacial, é que migrações para os lugares frios, onde há pouca incidência do sol, é que a pele foi perdendo melanina para poder absorver mais vitamina durante os poucos meses de luz de verão que fazia nesses novos lugares frios. E dos seres humanos negros, de pela negra, nasceram seres humanos de pele clara, muito tempo depois. Esses seres humanos de pele clara criaram sua cultura na cultura que eles traziam em seus ancestrais negros. Então, hoje é sensacional ter acesso ao material original, ao que o originou a Filosofia de Platão, ao que originou a Filosofia de Aristóteles, aos mitos dos orixás que influenciaram a criação dos mitos nórdicos, por exemplo, a criação dos mitos gregos, onde Oxalá tornou-se Zeus, Iansã tornou-se Afrodite. Então, ganhamos todos nós. Hoje, vivemos um mundo ainda não ideal, claro, mas, infinitamente melhor do que o mundo em que eu fui educado ou, na verdade, deseducado. Inclusive, um dos livros que não era publicado no Brasil e que, finalmente, foi agora, é o famoso “A Deseducação do Negro”, do mestre Carter Woodson, professor negro norte-americano, ativista. Em 1920, ele escreveu esse livro, dizendo que precisávamos de escola que ensinassem cultura negra para as crianças, que não fazia sentido, num país com tantos negros como nos Estados Unidos, a cultura clássica, ensinada na escola, ser uma cultura tão recente quanto a cultura grega. A verdadeira cultura clássica é a cultura africana porque ela é mais antiga que a cultura grega. O Brasil tem muito mais negros do que os Estados Unidos e, ainda assim, a cultura dada nas escolas é, basicamente, o ensinamento da cultura clássica branca colonialista. Criado sem saber o que são orixás, ou sequer o verdadeiro significado da palavra “axé”, que tantas pessoas usam, mas poucas pessoas sabem o verdadeiro significado dela. Aqui no Brasil acho que ainda há esse ponto a ser visto, ser revisto. Ou seja, as escolas precisam, cada vez mais, ensinar a cultura dos povos que nos formaram e, especificamente, os povos indígenas e os povos da diáspora africana.

Na minha época, eu como músico também, e como escritor, havia muito pouca oportunidade de publicação na sua arte, principalmente, se você não fosse de uma classe alta. Porque se você fosse músico, só as gravadoras publicavam discos e só as editoras publicavam livros. Então, o gargalo era muito pequeno, era muito elitizado. Só agora, por exemplo, os livros de Carolina de Jesus estão sendo publicados, porque não foram publicados antes. E por quê? Porque agora há uma abertura absoluta e radical chamada internet, potencializada pelas redes sociais. Ou seja, escritores estão escrevendo para as redes sociais, estão encontrando público nas redes sociais, não precisam mais de uma grande editora. Os músicos não precisam mais de uma grande gravadora, eles podem simplesmente fazer como nos ensinou a rapaziada de periferia de Belém do Pará. Aparelhagens que fazem hits instantâneos em 24 horas, em computadores ultrapassados 386 e que fazem hits para o Brasil inteiro, sem precisar de gravadoras nem passar por um sistema que mais exclui do que inclui. Então, na verdade, redes sociais e internet hoje são vitrines e possibilidades ao alcance de qualquer um. E nisso, as periferias tiveram acesso à divulgação de suas obras, inclusive, a criar mercados autônomos, como é, por exemplo, a cena de quadrinhos do município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, que produz quadrinhos para serem consumidos na Baixada Fluminense mesmo. Não precisa chegar no Brasil todo, eles não querem chegar no Brasil todo, eles querem chegar na Baixada Fluminense que, para eles, é o público mais interessante, quem mais importa. Então, paramos de ser um mundo centralizado nas artes, elitizado, onde os jogos de poder determinavam quem ia ser publicado, quem não ia ser publicado, quem ia ser lançado, qual música ia ser lançada, qual música não ia ser lançada. Agora, grandes corporações não têm mais tanta gerência para usar. Qualquer artista pode criar uma música na sua casa, tocando um violão, e colocar no Spotify, colocar no YouTube, colocar para o seu público, seja um público de seis pessoas, de dez pessoas, não importa. O que importa é que, na minha época, nem isso poderia, nem as seis pessoas, nem as sete pessoas, nenhum artista conseguia chegar sem uma grande gravadora em volta, e todas as concessões que possam fazer. Então, a própria arte ficou muito mais livre porque não precisa mais fazer concessões. E, com isso, a gente tem, por exemplo, em música e poesia, a novidade do slam, que, certamente, nunca seria apoiada por grandes gravadoras, se tivesse nascido nos anos setenta ou oitenta.

Eu comecei no Jornalismo, sou formado em Jornalismo, tenho mestrado em Letras, pela PUC-Rio, e doutorado em Filosofia, também pela PUC-Rio. Exerço a profissão de jornalista desde 1995, ajudei a fundar o primeiro site de notícias da internet brasileira, em 1999, o Globo online, onde fui editor de Cultura durante oito anos. Em seguida, fui até o Cinema. Sou autor de cinco filmes - dois curtas e três longas-metragem. O primeiro curta, chamado “Eva na Primavera”, se passa na primavera de Nova York; o segundo curta se passa no verão de Tóquio e se chama “Eva em Tóquio”. Ambos tratam da rotina de uma personagem chamada Eva, brasileira que nunca tinha saído do Brasil, e o modo com ela, brasileira, encara as observações que ela tem a fazer dessas duas grandes metrópoles, Nova York e Tóquio. Esses dois filmes foram feitos exatamente numa época em que brasileiros estavam viajando pela primeira vez de avião. Havia uma prosperidade muito grande, e a ascendência da classe C. Esses dois filmes são muito sobre isso. Os três longas são “Memória Tangerina”, Prêmio de Melhor Filme e Melhor Atriz no Festival de Estocolmo, na Suécia; “Girassol”, ficção científica, vencedor do Prêmio The American IndieFEST; e o terceiro longa chama-se “Eu Só e Nada Mais”. Foi filmado em oito países, agora, mais recentemente, em 2016.

Paralelo a isso, eu escrevi três romances. O primeiro romance chama-se “Pessoas do Século Passado”, e foi escrito e publicado pela Editora Rocco, no século passado, mais precisamente, em 1999. Ele conta a história da rotina de um prédio de classe média alta no Brasil, onde os vizinhos não se conhecem. A rotina da classe média alta é uma rotina de pessoas que não querem se misturar umas com as outras, e que vivem em condomínios com muros muito altos, e muito alarmes. O segundo romance se chama “DJ Pessoal - Uma Áudio-Ajuda”. Eu também sou DJ, já discotequei em Nova York, em Tóquio, no Rio de Janeiro, pelo Brasil. É um livro que propõe ajuda através das letras das canções. As canções, sejam brasileiras ou internacionais, as letras delas contêm muita filosofia. Desde o famoso “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima” até o “All Things Must Pass” do George Harrison. Você encontra muita sabedoria nas letras das músicas pop brasileiras e internacionais, e músicas populares. Esse livro faz um apanhado das letras que carregam sabedoria, os trechos de letras que falam em disciplina é liberdade, compaixão é fortaleza. O terceiro romance chama-se “Fé na Estrada”. Conta a história real de uma viagem que eu fiz, em 2003, quando eu resolvi refazer a mesma rota de meu livro favorito, que se chama “Pé na Estrada”, escrito pelo americano Jack Kerouac, em 1956, e que conta a história de uma viagem que ele fez pelos Estados Unidos, de carona, ele e um grupo de amigos poetas - mulheres poetas, homens poetas, que resolveram desbravar os Estados Unidos sem dinheiro, sem lenço e sem documento, e ai fundaram toda uma cultura, fundaram a juventude, não só a cultura que viria a ser a cultura hippie. Eu amo esse livro. “Fé na Estrada” conta a história da minha viagem. Eu refiz a mesma viagem, seguindo os mesmos passos que ele fez, sessenta anos depois, em 2003. E reescrevi um livro, reescrevendo a minha história que se passou. “Fé na Estrada” foi eleito, pela Revista Bula, por voto popular, um dos dez mais importantes livros de língua portuguesa do Século XXI. E isso foi em 2018.

Em 2017, eu inicio minha carreira como artista gráfico, artista plástico, fazendo videoarte. Eu estreei, exatamente, no Oi Futuro, com uma encomenda que meu saudoso amigo Roberto Guimarães fez para comemorar os dez anos do Oi Futuro, em 2015. Então, eu produzo a obra “Todos sob o Mesmo Céu”, com a colaboração de videoartistas de 26 países - Israel, Palestina, França, Canadá, Austrália, Japão, Nigéria, Argentina, Bolívia, e muitos outros. A partir de então, essa obra corre o mundo, eu viajo o mundo exibindo essa obra. Eu compus também a trilha sonora, toco a trilha sonora, e a ideia da obra é que estamos todos sob o mesmo céu. O título da obra é “Todos sob o Mesmo Céu”, e a ideia é que entendamos, finalmente, que estamos todos sob o mesmo céu.

Começo a minha carreira como roteirista de TV, a pedido de meu grande amigo Lázaro Ramos. Crio e escrevo um programa para ele chamado “Lazinho Com Você” para os domingos da TV Globo. Fomos ao ar e chegamos a 2021 pós-pandemia, onde eu passei os últimos dois anos dando aula, dando dois cursos online, um de “História da Contracultura” e outro da “História da Cultura e Arte Negra - 60 mil anos de cultura, historia e arte negra”. Isso posto, chegamos a 2021.

Todo artista negro, ele é, por definição, independente. Na verdade, todo negro brasileiro é jogado imediatamente na independência. A nossa Abolição foi feita sem responsabilidade nenhuma. Simplesmente, os escravizados foram jogados na sociedade. Não foi preparado um plano de Educação, de emprego para abarcar essa nova sociedade. Então, por definição, somos independentes. Sabemos nos virar, criamos nossas próprias redes. Meu conselho é que procure dentro de você, dentro da sua ancestralidade, todas as respostas para todos os caminhos que você encontrar. Está tudo diante de você. A ancestralidade preta é uma espécie de nuvem que contém todos os dados de todos os saberes pretos que estão dentro da gente.